

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

SÍLVIA VANDERLISE RODRIGUES PENA

NA EJA: A EDUCAÇÃO NÃO SE ESGOTA EM SI MESMA!
UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE.

Porto Alegre

2014

SÍLVIA VANDERLISE RODRIGUES PENA

NA EJA: A EDUCAÇÃO NÃO SE ESGOTA EM SI MESMA!

UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. Paulo Peixoto Albuquerque

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao grande pai oxalá, que me guia em todos os momentos (difíceis e os de conquistas) da minha vida.

A mim, por toda dedicação e esforço por não desistir diante as dificuldades e problemas que surgiram durante esses quatro anos dentro da Universidade, por às vezes não conseguir conciliar, trabalho, casa, faculdade e família.

À minha guerreira amada Mami que sempre batalhou pela a felicidade de seus filhos e netos.

Ao Papito por me chamar de "sibiana" e de não fazer distinção de mim e seus filhos legítimos.

A Biana por ser uma inspiração de gênio muito forte, onde ninguém passa ela para trás, pois abre a boca, sempre defendendo quem ama.

Ao amado eterno Nino que era muito sonhador, e que fazia muitas travessuras, e que partiu deixando muitas saudades e lembranças.

Aos meus sobrinhos João e Pedro por me dar alegria e esperança.

Ao meu amado Gustavo que sempre esteve ao meu lado dando apoio e todo amor, me ensinando o que é realmente o amar.

Ao professor Paulo Peixoto pelo seu lado humano de ser.

Aos meus bichinhos de estimação parceiros de estudo mimi e mana, por muitas vezes fazerem companhia, mesmo apertando a tecla delete e apagando os meus arquivos.

Enfim, agradeço a todos os alunos que fazem,fizeram e farão parte da minha vida como docente.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a permanência de alguns alunos de uma turma de Educação de Jovens e Adultos em uma Escola Municipal de Porto Alegre. Direciono esforços no sentido de compreender/ identificar os elementos que levam os alunos a continuar frequentando a escola, se com o passar do tempo eles continuam permanecendo na mesma totalidade. Para tal análise, utilizei-me de um Estudo de Caso, partindo da vivência no estágio curricular obrigatório do Curso de Pedagogia. Com essa intenção não me proponho a elaborar conclusões generalizantes ou definitivas sobre o tema, mas sim, direcionam esforços no sentido de conhecer os elementos que podem favorecer a continuidade destes na escola e aqueles que os afastam, atentando para as suas singularidades como indivíduos únicos e produtores de suas histórias. E como resultado posso dizer que os alunos permanecem na escola mesmo não conseguindo o avanço para as outras totalidades, devido aos objetivos urgentes (busca de emprego, melhoria salarial, reconhecimento social, término dos estudos, meio de sobrevivência, melhores condições de saúde). Esses alunos que persistem e seguem os estudos elaboram novas leituras para o espaço escolar e encontram motivações próprias para o alcance de seus objetivos, a escola, nesse caso é (re) significada por seus estudantes.

Palavras- chave: 1.Permanência 2. Pertencimento 3.Educação Permanente

Sumário

1 NO CAMINHO: A PRINCIPAL QUESTÃO.....	5
2 ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE.....	8
3 EVASÃO E REPETÊNCIA.....	13
4 HISTORIANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	16
4.1 Funções da EJA.....	20
4.2 Quem são os sujeitos da EJA?.....	22
5 MOLDURA ANALÍTICA.....	24
5.1 Conceito de inclusão.....	24
5.2 O que é Identidade?.....	25
5.3 O que é pertencimento?.....	26
5.4 Educação Continuada ou Educação Permanente?.....	27
6 ESTUDO DE CASO.....	31
6.1 Metodologia:.....	31
6.2 Contexto da escola pesquisada.....	34
6.3 Sujeitos e avaliação.....	35
6.4 Conhecendo os sujeitos do Estudo de Caso:.....	37
6.5 Análises das narrativas dos alunos.....	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	51

1 NO CAMINHO: A PRINCIPAL QUESTÃO

O presente estudo tem como enfoque principal a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tenho a intenção de compreender por que apesar de todos os movimentos de fuga da escola, existem alunos que resistem e continuam os estudos, mesmo ficando estagnados na mesma totalidade por anos? Essa questão nasceu, quando fui apresentada a turma T3 (correspondente a o quarto e quinto ano do Ensino Fundamental) a qual fiz o meu estágio obrigatório da sétima etapa. Eu percebi que cerca de 12 alunos daquela sala eu já conhecia, e estavam frequentando a mesma totalidade por pelo menos dois anos, pois no início da faculdade eu fiz uma observação obrigatória da primeira etapa do curso na mesma turma T3 e alguns alunos já estavam lá nessa época.

Ao realizar o estágio obrigatório do Curso de Pedagogia deparei-me com a realidade de muitos alunos da EJA: trabalhar e continuar os estudos. A minha prática do estágio se deu junto a outras atividades profissionais, pois trabalho em uma escola de Educação Infantil com carga horária de 30 horas semanais, e nos finais de semana faço doces para encomendas em aniversários. Diante disso, percebi o quanto é cansativo estar em uma sala de aula depois de um dia de trabalho pelo cansaço, a fome, e o sono. Essa realidade se caracteriza por ser umas das mais diferentes do espaço escolar; na sua maioria os alunos trabalham e tem nesta modalidade a possibilidade de continuar os estudos, mas vivem a contradição: ter tempo para trabalhar ou tempo para estudar.

A minha intenção de pesquisar essa realidade está diretamente relacionada à necessidade de compreender/ identificar os elementos que levam os alunos a continuar frequentando a escola , se com o passar do tempo eles continuam permanecendo na mesma totalidade. Com essa intenção não me proponho a elaborar conclusões generalizantes ou definitivas sobre o tema, mas sim, direcionam esforços no sentido de conhecer os elementos que podem favorecer a continuidade destes na escola e aqueles que os afastam, atentando para as suas singularidades como indivíduos únicos e produtores de suas histórias.

O estágio na EJA me proporcionou um contato com alunos trabalhadores, que na minha opinião são pessoas guerreiras, que depois de um dia duro de trabalho seja em casa ou na rua vão para sala com grande vontade de estudar, em busca do sonho de aprender a ler e escrever e assim não serem mais excluídos da sociedade. Com esse contato com os alunos compreendi que o professor exerce um papel muito importante na vida do aluno, por isso o professor deve sempre buscar novos conhecimentos para aprimorar a sua prática.

Ao término do estágio obrigatório, saí com outra visão da sala de aula, pois quando ingressei na Universidade pensava que a escola serviria apenas como espaço onde uns ensinavam (os professores) e outros aprendiam (os alunos), e com o estágio vi que isso é um grave engano, pois com os alunos da EJA o que foi bastante significativo no meu estágio foram as trocas, porque os alunos tinham uma bagagem de conhecimentos de experiências já vividas, e isso me proporcionou um pensamento diferente do que eu tinha em relação entre ensinar/ aprender, percebi que eu estava na escola para trocar com os alunos. Uma troca que me fez crescer enquanto estudante do curso de pedagogia e profissionalmente.

Minha hipótese de trabalho é: **em uma sociedade fragmentada, individualista e competitiva a escola (a EJA) possibilita um lugar de pertencimento e construção de identidades.** E para operacionalizar esta proposta analítica utilizarei um estudo de caso que para Robert Yin é visto como uma pesquisa empírica que faz investigações de fenômenos contemporâneos dentro de seus contextos com fronteiras demarcadas, limitando o contexto e o fenômeno, e apresentações de várias fontes de evidências.

Início o meu Trabalho de Conclusão de Curso por esta breve introdução, relatando os motivos que me levaram a realizá-lo, ou seja, o intuito de conhecer e identificar os motivos que levam os alunos da Educação de Jovens e adultos a permanecerem na escola.

O segundo capítulo diz respeito aos limites e possibilidades da escola como lugar privilegiado da educação, como lugar de formação e certificação da contemporaneidade.

O terceiro capítulo traz a problemática: evasão e a repetência escolar que Hoje no Brasil se constituem como um problema que cresce cada vez mais, afetando principalmente as escolas públicas, muitos são os debates sobre essa questão, tentando buscar o “responsável” e a “solução” para este problema.

No quarto capítulo apresento as Políticas Públicas em especial da Educação de Jovens e Adultos que tem como objetivo maior a formação para o trabalho e a inserção social.

O quinto capítulo trata da moldura analítica, onde defino um conjunto de conceitos que permitem pensar uma educação inclusora e que faça diferença nos espaços escolares.

O sexto capítulo traz o estudo de caso, onde apresento a percepção dos alunos em relação à proposta da EJA e a sua permanência na escola.

Finalizo o meu trabalho trazendo as considerações finais que apresento a importância de se realizar essa pesquisa e as minhas percepções e relevância de cada capítulo desse trabalho.

2 ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE

Se faz necessário um breve retrospecto para uma melhor compreensão do lugar e dos processos de ensino e aprendizagem e nele situar a escola. A escola é o lugar onde a sociedade se constrói sujeitos sociais. Historicamente se sabe que:

Até a idade média, a educação não tinha um sistema, ou seja, era pouco acessível, era dada no interior de famílias, comunidades e corporações. E os que tinham acesso eram os jovens que poderiam assumir atribuições sociais de caráter relativamente simples e previsível, em geral o ofício de seus familiares.

Por volta do século XVII na Idade Moderna é que podemos dizer que teve o surgimento da escola e o sistema de educação pública gratuita e universal. Em resposta às novas figuras sociais originadas por um panorama marcado, pelo renascimento, pelas reformas religiosas, as grandes navegações, descoberta das Américas, e em seu final pelo movimento iluminista e pela industrialização. Esses eventos deram consistência para que se houvesse a ruptura no modelo histórico baseado nos valores do feudalismo. Assim, segundo Nadal e Feldmann (2009) o projeto de modernidade pode ser considerado determinante para o modelo de escola que se originaria desde então.

Entretanto, é importante esclarecer que o projeto de modernidade foi estado numa época de transição, impulsionado pela burguesia, que, interessada em intensificar as suas atividades econômicas, se aliou ao povo para pressionar pelas mudanças e colocou em marcha o desenvolvimento do sistema capitalista.

A escola pública nacional é fruto da Revolução Francesa. É a escola laica, gratuita, universal e obrigatória, que, para além do campo do conhecimento formal, deve formar cívica e patrioticamente o cidadão, ou seja, difundir para consolidar a ideologia do estado burguês.

O modelo social dominante, resultado das transformações nas sociedades com a Revolução Francesa, foi o liberal conservador, onde cada indivíduo “podia e deveria”, com seu próprio esforço, de livre e espontânea

vontade, e contando com a formalidade da lei, buscar a sua auto realização pessoal.

Atualmente a educação é pensada a partir de um viés mercadológico, determinado por agentes do capital, o que muitas vezes limita um processo de formação crítica e holística dos alunos.

Ainda convém lembrar que, a instituição escolar na contemporaneidade reflete as formas de poder, ao classificar, selecionar e transmitir o conhecimento educacional formal, que na minha opinião pode ser caracterizado como um lugar de “controle social”. Cruz e Freitas (2011) explicam que:

Com relação ao saber, o homem moderno torna-se o objeto e o sujeito do conhecimento das ciências humanas, e, em relação ao poder, ele torna-se fruto das relações de disciplina e esse novo comportamento disciplinar o distingue da sociedade moderna. Os saberes construídos na Modernidade são normativos e usados para a construção do poder disciplinar. O sujeito moderno, para ser útil, dócil e produtivo, necessita ser disciplinado, daí a necessidade das normas disciplinadoras na constituição do sujeito moderno.(CRUZ E FREITAS, 2011 p.39).

A escola nessa perspectiva é entendida como instituição disciplinar que produz seres dóceis e úteis para o sistema capitalista, é uma das instituições que mais exercita e mantêm o controle disciplinar, e “as práticas pedagógicas da sociedade disciplinar possibilitam que os corpos sejam vigiados constantemente e que comportamentos sejam diariamente estabelecidos” (FOUCAULT,2008).

A instituição escolar, mesmo na rede pública (basicamente é composta em todos os seus segmentos pelas camadas populares) continua reproduzindo o que Azevedo muito propriamente denomina de modelo taylorista- fordista, pois se organiza:

Nas relações de poder verticalizadas, no cumprimento de tarefas em tempos predeterminados rigidamente, na extrema especialização de funções, no parcelamento do processo de trabalho, na separação entre o sujeito e objeto e no domínio individual pelos educandos, de fragmentos isolados e descontextualizados do conhecimento. (AZEVEDO,2007, p.247).

Esse modelo destacado por Azevedo, que é instaurado na escola tradicional faz com que esta escola reproduza o trabalho fragmentado, isolando os sujeitos e tornando-os apenas cumpridores de tarefas.

Na escola pesquisada do presente trabalho, a grande maioria dos alunos da EJA são moradores das vilas próxima do Bairro Humaitá, tornando essa escola, como tantas outras, um espaço legítimo das classes populares, o que desmistifica a ideia que havia mais qualidade nessas escolas no passado. Azevedo nesse aspecto destaca que:

[...] instalou-se uma falsa ideia de que , no passado havia uma escola pública de qualidade, o que não acontece nos tempos atuais. Na realidade, o que havia era uma escola elitizada, para poucos, sem possibilidades de acesso às classes populares. Portanto, essa qualidade não tinha nenhuma importância para a maioria da população, que não tinha acesso à escola. Nesse prisma, a escola pública de hoje tem muito mais qualidade, pois o ingresso a ela foi democratizado, as crianças e adolescentes do povo podem acessá-la. E isto significa uma qualidade superior àquela da escola pública da metade do século passado. Hoje, o grande desafio é garantir a permanência, na escola, dos filhos das classes populares. Não adianta construir escolas para o povo e depois expulsá-los pela não aprendizagem e pela reprovação e repetência .(AZEVEDO;2007,p.255).

Concordo com Azevedo quando ele diz que a escola pública de hoje está democratizada em seu acesso, mas que ainda enfrentamos o grande desafio de democratizar suas práticas para possibilitar aos alunos o pensamento crítico, a construção do conhecimento, o diálogo, as trocas.

A escola pública precisa ser repensada. O sistema que acerca precisa ser transformado. Mas para Azevedo essa ação deve ser vista de forma processual:

A educação é processo, muito mais que resultado, ou o resultado situa-se na qualidade do processo. No seu desdobramento, como atividade de vivência cultural- portanto, histórica- da dialética da transformação da natureza em cultura, do mundo natural em mundo humano, situa-se uma dimensão estética expressa no desenvolvimento da inteligência, da capacidade crítica, da auto-instrução individual, coletiva e da emancipação. É uma dimensão ética traduzida em um comportamento e em atitudes concretas, práticas e viabilizadoras dos valores humanizantes e emancipatórios. (AZEVEDO,2007, p.254).

Com o intuito de se repensar a educação podemos destacar a criação da Campanha Institucional realizada pelo grupo RBS (Rede Brasil Sul de Televisão) intitulada como “ A Educação Precisa de respostas” no ano de 2012, focada principalmente nos Estados do Rio Grande Do Sul e de Santa Catarina onde colocou sob os holofotes questionamentos cruciais do por quê que há tantas contradições entre o cenário social e o patamar educacional brasileiro.

Através dessa campanha, foi mostrado na mídia que no ano de 2012 o Brasil mesmo sendo a sexta economia do mundo, ocupava o constrangedor 88º lugar no ranking mundial de educação medido pelo Relatório de Monitoramento Global da Unesco entre 164 países. Marcelo Gonzatto analisa esse fato da seguinte forma :

Os problemas da educação brasileira extrapolam os limites da sala de aula. O desempenho pífio revelado em avaliações internacionais se deve a uma combinação de falhas de educadores, governantes e famílias. Essas deficiências incluem erros de gestão, falta de recursos e pouca cobrança social por resultados que façam jus ao atual peso econômico e político do país.(GONZATTO, p.5 zero hora,2012).

Foram apontados através dessa Campanha os limites, e empecilhos da escola como lugar privilegiado da educação, que acentuam o fracasso escolar, ampliam as dificuldades dos alunos, e como consequência, tem aumentado os índices de repetência e evasão do ensino regular e, com isso, engrossando as fileiras de jovens e adultos excluídos da escola.

A gestão ineficiente foi apontada pelos os Especialistas da educação como um desses limites, e concordo, pois não basta apenas desejar mais e mais dinheiro para o sistema educacional, o que deve ser disciplinado é a forma de aplicar esse dinheiro. O nosso país deveria aprimorar a gestão da educação, melhorar a administração escolar, evitando interferências políticas e qualificando a distribuição de recursos e pessoal para aumentar a eficiência das redes de ensino.

O desprestígio do magistério é outro nó na educação, pois a baixa remuneração dos professores oferece pouco estímulo aos profissionais, e podem afugentar da carreira muitos dos melhores alunos. O Conselheiro do movimento Todos pela Educação Mozart Neves destacou que a baixa aprendizagem decorre da ausência de professores com qualidade. Tornar o magistério em objeto de desejo dos jovens é fundamental. Nos países com boa educação, ser professor tem bom retorno financeiro e reconhecimento social.

Outro empecilho é a má formação dos professores, a principal crítica é que os cursos não preparam adequadamente, e concordo, pois mesmo estando na etapa final do curso de pedagogia não me sinto totalmente preparada, pois senti falta de aprender o conteúdo a ser ensinado, aprender a dar aula e a agregação da prática à teoria.

Um dos problemas que o país também precisa resolver é o baixo investimento na Educação Básica. Segundo o jornal Zero Hora o gasto público em 2012, era de apenas R\$ 3,5 mil ao longo de um ano. Isso representa todo o investimento estatal feito diretamente em educação dividido pelo número de alunos.

Convém relativizar esta leitura jornalística que explora o fato, a partir de uma análise que exclui o pensar políticas públicas, entretanto como indicador de dificuldades pode-se dizer que entre os muitos problemas que afligem a educação estão os recursos humanos, materiais, metodológicos.

As dificuldades de formação e remuneração dos profissionais da educação, somadas às restrições de orçamento, e de gestão ineficiente, resultam em se ter dificuldade de apresentar um sistema de ensino renovado, inovador e capaz de despertar o interesse dos alunos, e a aplicação de aulas pouco desafiadoras e distanciadas da realidade dos alunos. Sendo assim, podemos entender um pouco melhor, sobre o porquê dos altos índices de repetência e evasão do ensino regular e o engrossamento das fileiras de jovens e adultos excluídos da escola ou evadidos.

Na próxima secção vamos explorar com mais propriedade o fenômeno de evasão/ repetência.

3 EVASÃO E REPETÊNCIA

À medida que a sociedade produz mais conhecimento científico e tecnológico, a maioria da população é submetida a um processo de brutalização, expresso de forma enlouquecedora na desqualificação do ensino público, nos baixos investimentos na educação, na baixa escolaridade média da população, e principalmente na permanência dos índices de evasão e repetência.

Hoje no Brasil, a evasão e a repetência escolar se constituem como um problema que cresce cada vez mais, afetando principalmente as escolas públicas. Muitos são os debates sobre essa questão, tentando buscar o “responsável” e a “solução” para este problema.

A evasão e a repetência não tratam apenas de um problema restrito a algumas escolas, mas sim, um problema de ordem nacional. Que afeta principalmente as classes mais desfavorecidas da sociedade.

Todos os anos, cerca de 7 milhões de alunos repetem a série que cursam no período anterior. Segundo o jornal Zero Hora (2014) o Brasil gasta cerca de 10 bilhões de reais para que os estudantes tenham contato novamente com os mesmos conteúdos, que muitas vezes são ensinados na mesma forma, sem a garantia que o aluno tenha a aprendizagem. A repetência aumenta a distorção idade- série (28,6% no Ensino Fundamental e 44,9 % no Ensino Médio) contribuindo para que a avaliação da educação no país continue baixa.

O índice da evasão escolar no ano de 2012 de acordo com dados do Ministério da educação chega a ser de 6,9% no Ensino Fundamental e 10% no Ensino Médio. Mesmo com a criação do Plano de desenvolvimento da Educação (PDE) no ano de 2007, que prevê o combate à repetência e ao abandono escolar, determinando que as escolas tenham um sistema de acompanhamento aos alunos com necessidade de apoio ao longo do ano, os índices de repetência e evasão ainda são alarmantes.

A evasão de acordo com Meneses (2011, p.01), é uma questão que tem raízes históricas , e associando-se a uma política imposta pelas elites , na qual pensam sucessivas intervenções do governo na mudança do sistema escolar.

Segundo Arroyo (1997, p.23) na maioria das causas da evasão escolar, a escola responsabiliza a família, por ser desestruturada, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, ensinar e tornando-se um jogo de empurra.

Para Azevedo (2011, p.05) a evasão e repetência são os maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, pois as causas e consequências estão relacionadas a muitos fatores como o social, cultural, político e econômico, como também a escola onde os professores têm contribuído a cada dia para o problema se agravar , diante de uma prática ultrapassada.

De acordo com Oliveira (2012), os motivos para se abandonar os estudos podem ser ilustrados quando o aluno deixa a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, falta de material didático; e também deixam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles.

Na opinião de Charlot (2000, p.18), a evasão escolar deve ser vista sob vários aspectos, tais como:

“sobre o aprendizado... sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das chances, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre a crise, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as formas de cidadania.”

Sendo assim, não existe fracasso escolar, mas sim, a não resolução de determinados impasses propostos pelo dilema pedagógico, a saber epistêmico que se traduz nos diferentes modos de conhecer/aprender. Quando a escola desconsidera que há outros modos de construir conhecimento, o artifício ou a

desculpa: os alunos não conseguem aprender “o que se quer que eles aprendam”. É apenas a desculpa política que indica que os elementos da cultura hegemônica e da relação causa e efeito não tem sentido em determinados grupos sociais. Por esse motivo, vemos um número tão elevado de evasão e repetência nas escolas e a busca da EJA por determinados segmentos sociais , principalmente àqueles em dificuldade e vulnerabilidade social.

O próximo capítulo diz das políticas públicas da EJA que tem por objetivo maior a formação para o trabalho e a inserção social de jovens, que na atual conjuntura cada vez mais tem os elementos de pertença e identidade, questionados ou difusos.

4 HISTORIANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Segundo Aguiar (2001) “a Educação de Jovens e Adultos , em nosso país remonta ao período do descobrimento”. E expressa às tendências e conflitos do contexto econômico, político e social inerente a cada período da história do país.

Em 1549 com a vinda dos Jesuítas é que podemos demarcar como o início dessa modalidade¹ de educação.

Embora a missão principal dos padres da Companhia de Jesus fosse a catequese, eles atuaram como os primeiros professores, não apenas das crianças, jovens e adultos indígenas, mas também dos africanos e , mais tarde, dos colonos portugueses.(AGUIAR, 2001).

Ao chegarem aqui no Brasil, os padres Jesuítas constataram de que a população indígena não tinha conhecimento da língua escrita e falava outro idioma, ignorando a língua portuguesa. Diante disso, os padres deram uma maior atenção aos adultos indígenas, catequizando-os e ensinando-os a língua portuguesa e os ofícios necessários à sustentação da economia da colônia.

Com a criação dos Colégios jesuíticos foi implementado o primeiro Plano Educacional, elaborado pelo Padre Manuel de Nóbrega, que estabelecia que além do ensino religioso devesse ser prestada a instrução dos indígenas e dos filhos dos colonos. Porém, só quem tinha essas instruções eram descendentes dos colonizadores do sexo masculino, pois para as mulheres as aulas eram apenas de boas maneiras e relacionado de como ser dona de casa, e os indígenas e africanos foram apenas catequizados.

A catequese em si, era uma maneira para conseguir novos adeptos ao catolicismo, e também para tornar o índio e o africano mais obedientes para não se recusarem a serem explorados como mão- de- obra. Esses interesses partiram tanto da Companhia de Jesus que ficou abalada pela Reforma Luterana e precisava de fiéis, e pela Corte que se interessava pela a economia da colônia.

¹ A Lei 9394/96 diz que a educação de Jovens e Adultos passa a ser uma “modalidade” da educação básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, usufruindo de uma especificidade própria que , como tal deveria receber um tratamento consequente.

A ordem jesuítica durou mais de duzentos anos, na fase colonial, e por decisão do Marquês do Pombal, os jesuítas tiveram que deixar o país.

A expulsão dos jesuítas foi justificada como razão de Estado. Suas ações estavam constituindo-se em dificuldades para a manutenção da *“unidade cristã e da própria sociedade civil”*. A alegação formal foi de que a ordem jesuítica passou a deter um poder econômico que precisaria retornar ao governo e que seu trabalho educativo estava a serviço daquela ordem religiosa, contrariando os interesses do país e, por consequência, os do Estado português (AGUIAR, 2001).

No ano de 1759, foi fundada a Direção Geral de Estudos, que determinou a realização de concursos para todos os professores com uma maior preocupação com a qualificação dos docentes. Nessa época criaram-se aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica) , dando origem ao sistema público de ensino.

Destaco, que no sistema público de ensino daquela época não foi considerada a população indígena, e nem a africana, tendo como público principal população da cor branca masculina os que eram considerados da elite. Essa elitização da educação durou até no ano de 1808 com a chegada da Família Real Portuguesa.

Em 1812 foi criada a “Escola de Serralheiros” em Minas gerais, onde foi retomado o ensino profissional, ou seja, a Educação de Adultos. Mas a educação era simples com o objetivo apenas de se ter o instrumento técnico (ensinar a ler e escrever), Mesmo sendo tão rudimentar essa educação na época foi bastante prestigiada, já que, se caracterizou como um preparo para o ensino secundário e para a instrução de ocupar cargos burocráticos.

Já na Constituição Imperial de 1824 podemos considerar que se teve uma ideia fixa sobre a Educação de Adultos, pois segundo ela deveria se garantir: *“...instrução primária e gratuita para todos os cidadãos.”*. Nesse período imperial, Rui Barbosa destaca os primeiros esboços de uma educação de adultos em um “ grupo modelo” que abrangeria diferentes idades, mas o que predominou foi a instrução básica de crianças.

No ano de 1891 no período da república, o governo central incumbiu aos Estados e Municípios a obrigação de serem responsáveis pela educação

primária, sendo assim o ensino ficou sob o poder das unidades federadas que não tinham condições financeiras suficientes.

Foi através de movimentos populares em 1930, com manifestações do aumento de número de escolas de responsabilidade do Estado, e a criação do Ministério da Educação e Saúde, que se teve a preocupação de ter uma política para a Educação de Adultos. E em 1934 foi elaborado o Plano Nacional da Educação que deveria definir as competências dos Municípios, dos Estados e da União em relação à educação. Somente em 1962, já na vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4.024/61 –, é que se aprovou o primeiro Plano Nacional de Educação (PNE) nele continha um conjunto de metas quantitativas e qualitativas a serem alcançadas no período de oito anos. Pela primeira vez na história da educação brasileira é que a Educação de Adultos teve um tratamento específico, pois o ensino passava a ser obrigatório gratuito o ensino primário integral de frequência obrigatória e era estendido aos adultos.

No período do Estado Novo (1937- 1945) as autoridades despertaram para o problema do analfabetismo, pois houve a constatação do número grande de pessoas analfabetas. Foi um momento histórico que revelou o problema do adulto analfabeto como tendo uma dimensão social, então, era preciso aperfeiçoar o homem, com uma formação que promovesse melhores condições de desenvolvimento.

O Fundo Nacional do ensino Primário foi criado em 1942 na direção de Anísio Teixeira do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Esse fundo foi criado com o intuito de aumentar a rede de ensino para os jovens e adultos. Com a regulamentação desse fundo em 1945 ficou determinado de que deveria ter recursos orçamentários próprios, e que deveria deixar da vinculação de recursos(impostos) a reserva de 25% para aplicação num Plano Geral de Ensino para jovens e adultos analfabetos.

Ao término da II Guerra Mundial, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), e subsequente surgiu a UNESCO (Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Essas duas organizações deram uma

atenção principal para a educação e em especial com a Educação de Adultos, pois elas segundo AGUIAR (2001) “emitiram alertas sobre as desigualdades entre as nações e sobre o papel que a educação teria a desempenhar no desenvolvimento das nações atrasadas.”

Com a redemocratização do Estado Brasileiro houve uma difusão das ideias da educação popular, acompanhadas da democratização da escolarização básica.

Estudantes e intelectuais desenvolviam novas perspectivas de cultura e educação junto aos grupos populares, por meio de diferentes instituições, dentre outras. Podemos citar: Movimento de Educação de Base (MEB); Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Movimento de Cultura Popular do Recife; Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE); Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler, Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e cultura em 1964 com a presença de Paulo Freire. (GONÇALVES, 2013, P.16).

Na década de 1960 Paulo Freire foi a referência principal da construção de um novo paradigma teórico e pedagógico, e teve um papel fundamental para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ele destacou a importância da participação do povo na vida pública e o papel da educação para sua conscientização.

O Plano Nacional de Alfabetização foi aprovado em 1964 e previa a disseminação por todo país de programas de alfabetização coordenados por Paulo Freire, mas foram suspensos pelo golpe militar, quando muitos promotores da educação popular e alfabetização sofreram repressões.

Persistindo o problema do analfabetismo em dezembro de 1967 foi instituído o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) iniciando assim, uma campanha nacional maciça de alfabetização e de educação continuada para jovens e adultos. Nesse período é que foi implantado o ensino supletivo, segundo a LDBEN n. 5.692/71 ele se destinava “ suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tinham seguido ou concluído na idade própria”. Esse ensino poderia ser dado por correspondência, a distância ou por outros meios adequados. Como o sistema não exigia frequência obrigatória acabou promovendo um alto índice de evasão. Ocorreu também pouca

preocupação com o aprendizado, por que o objetivo era de conseguir apenas o diploma para ingressar no mercado de trabalho.

Ao término do período militar o MOBREAL foi extinto e foi substituído pela Fundação Educar (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos) que tinha como funções, entre outras, fomentar o atendimento às séries iniciais do 1º grau, a produção de material e avaliação de atividades. Com o término da EDUCAR, em 1990 os órgãos públicos, as entidades civis e outras instituições passaram a assumir com a responsabilidade educativa pela educação de jovens e adultos.

No ano de 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial de educação para todos, em Jomtien, na Tailândia, durante a qual se definiu a necessidade de expansão e melhoria do atendimento público na escolarização de jovens e adultos. Porém, somente em 1994 foi concluído o Plano Decenal, que definiu metas para o atendimento de jovens e adultos pouco escolarizados.

Em Hamburgo, no ano de 1997 teve uma Conferência Internacional de Educação de Adultos a V Confinteia, a qual o Brasil participou, e assim, aumentou em número e em representatividade os Fóruns de EJA em todo Brasil, com discussões em torno da educação de adultos, visando assegurá-la como direito a todos os cidadãos, independentemente da idade.

Em julho de 2004, foi o marco de uma nova fase no ensino brasileiro, que começa a valorização da diversidade da população brasileira com a criação da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), Foi amparada por documentos que reuniam temas como alfabetização e educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação escolar indígena, e diversidade étnico- racial.

É no bojo desse cenário que a alfabetização de Jovens e adultos começa a se delinear, respondendo as demandas populares que expressam a necessidade de políticas públicas para a promoção da equidade educativa social.(GONÇALVES, 2013, P.17).

4.1 Funções da EJA.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, os maiores índices de analfabetos se concentram nas pessoas com mais idade, de regiões mais pobres e moradores do interior (zona rural) e provenientes dos grupos afro-brasileiros. Portanto, segundo o parecer CNE/CEB n.11/2000:

A Educação de Jovens e Adultos representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem o domínio da escrita e leitura como bens sociais [...]. Ser privado desse acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (BRASIL, 2000).

Assim concebida, a EJA compreende três funções que reconhecem o direito ao acesso, permanência e sucesso na educação básica. Conforme o artigo 6º da Resolução N° 09/ 2009 das Diretrizes para a oferta da Modalidade Educação de Jovens e adultos, ao assegurar o direito à educação para todos, ao longo da vida, pauta-se pelas funções: reparadora, equalizadora e qualificadora.

A função reparadora não está relacionada apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pelo conserto de um direito a eles negado (direito de uma escola de qualidade), mas também ao reconhecimento da igualdade de todo e qualquer pessoa de ter acesso a um bem real, social. Mas não podemos confundir “reparar” com o verbo “suprir”. Para tanto, é indispensável um modelo pedagógico, que possibilite situações pedagógicas convincentes para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alfabetizando jovens e adultos.

A EJA é apresentada pela sociedade como uma busca da igualdade, que se dá pela possibilidade de efetivar um desenvolvimento a todas as pessoas de todas as idades. A função equalizadora relaciona-se à igualdade de oportunidades, que se propõe a possibilitar as pessoas novas inserções no mundo do trabalho e principalmente, na vida social. A palavra equidade no dicionário online de português Aurélio significa igualdade, reconhecimento dos direitos de cada um. Dessa forma, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento as todas pessoas, de todas as idades, permitindo que os jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem suas habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

A função qualificadora refere-se à educação permanente. Com base no potencial de desenvolvimento humano e de adequação, pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos. É uma busca de propiciar a todos a atualização do conhecimento por toda vida.

É relevante reconhecermos que a EJA é uma dívida social não reparada para com aqueles que não tiveram acesso à escolarização. Hoje, o aluno embora tenha o acesso não tem garantia de permanência e sucesso, uma vez que a EJA não atende às expectativas desses (as) alunos (as), no que tange aos processos formativos, desde a qualificação profissional até outras dimensões extraescolares.

4.2 Quem são os sujeitos da EJA?

O tema “educação de pessoas jovens e adultas” não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma especificidade cultural. Isto é, apesar do corte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “não crianças”), esse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. (OLIVEIRA, 1999, p.15).

Compartilho do pensamento de Marta Kohl de oliveira (1999) que trás os alunos da EJA como seres inseridos no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança. Esses sujeitos trazem consigo uma história de vida com experiências, conhecimentos acumulados e reflexões do mundo externo, sobre si mesmos e sobre outras pessoas. Em relação a inserção em situações de aprendizagem a autora diz que essas peculiaridades desses sujeitos faz com que trazem consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança), portanto, uma maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem.

Os sujeitos da EJA que voltam à escola são pessoas diferentes umas das outras, com idades e experiências diversas. Em geral, são trabalhadores que tiveram pouco tempo de permanência na escola e estão praticamente à margem da sociedade em todas as instâncias, sendo moradores de periferia onde os serviços básicos públicos são poucos e insuficientes para atender a demanda, principalmente em relação à saúde, ao trabalho e ao lazer.

Enfim, os alunos que estão na Educação de jovens e adultos são idosos, adultos e jovens, trabalhadores, desempregados, dona de casa, com necessidades especiais, com responsabilidades familiares e sociais, com históricos escolares, traços de vidas, origens e valores éticos e morais, com diferentes ritmos de aprendizagens e diferentes conhecimentos adquiridos ao longo de suas histórias de vida.

5 MOLDURA ANALÍTICA

Neste capítulo busco compreender as diferentes possibilidades de incluir os alunos em um sistema pautado nos princípios de uma educação inclusiva. Trarei os conceitos de inclusão, identidade, pertencimento e a diferença entre Educação Continuada e Educação Permanente, pois são conceitos que permitem pensar uma educação inclusora e que faz diferença nos espaços escolares.

Para facilitar ao leitor apresento o processo educativo proposto pela EJA no qual apresento os principais conceitos e seu movimento dinâmico, assim como a definição desses conceitos.



5.1 Conceito de inclusão

Atualmente, pensar o processo de inclusão remete a um retrocesso de algumas décadas de propostas e políticas educacionais que visavam à transformação da escola, universalização do acesso e a permanência na escola com um mínimo de qualidade educacional para os professores e principalmente aos alunos.

No dicionário Aurélio a palavra inclusão significa ato ou efeito de incluir que por sua vez remete a conter em si, compreender, encerrar. Sendo assim,

podemos pensar que a inclusão dos alunos na escola, em uma sala de aula, está diretamente relacionada ao cumprimento de exigências curriculares relativas a cada etapa do processo de escolarização. Castro 2011 escreve que:

A inclusão implicaria em incluir todos aqueles que vislumbram na educação a possibilidade de estarem contidos e /ou compreendidos em uma instituição com pressupostos que atendam a toda e qualquer necessidade a apresentada por sua clientela.(CASTRO, 2011. P.36).

Oliveira e Leite (2007, p.512) conceituam o processo de inclusão escolar a partir da necessidade de a inclusão atender a todos, sem distinções, incorporando as diferenças no contexto escolar e que para tal exigiria uma transformação da escola da atualidade. Então, caberia ao Estado a obrigação de assegurar, com políticas públicas, o direito e o acesso a escola para todos sem distinção de raça, gênero, idade, condições físicas e de saúde , ou qualquer outra condição. E para a escola a obrigação seria de se responsabilizar de receber e oferecer condições para sua comunidade. Mas o que percebemos é que a escola de hoje, encontra-se em condições precárias de permanência e qualidade de ensino para todos.

5.2 O que é Identidade?

A identidade do aluno necessita ser (re) significada em função das mudanças que ocorrem na escola e na sociedades contemporâneas que são culturalmente diversificadas.

Concordo com Paulo Freire quando ele fala sobre o respeito da identidade cultural dos educandos.

O que venho propondo é um profundo respeito pela identidade cultural dos educandos- uma identidade cultural que implica respeito pela língua do outro, cor do outro, gênero do outro, classe social do outro, orientação sexual do outro, capacidade intelectual do outro, que implica a capacidade de estimular a criatividade do outro. Mas estas coisas ocorrem em um contexto social e histórico, e não no ar puro e simples. Essas coisas ocorrem na história [...].(FREIRE, 1996).

A identidade é uma construção social, a partir do pertencimento a uma cultura. É o sentir um mundo de significados e valores, é o modo do grupo ou indivíduo dar sentido a sua própria existência, cujas raízes localizam-se em algum lugar.

Segundo Stuart Hall, a identidade, em vez de algo inato a nós, acabado e definitivo, é antes um processo que vem do exterior aquilo que nos falta.

“[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, esta sempre ‘em processo’, sempre sendo formada. Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar e vê-la como um processo em andamento [...] (Hall, 2000, p.38-39).

Mas como este estudioso define identidade?

“Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que nos tentam ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito ao fluxo do discurso [...] Isto é, as identidades são as posições que sujeito é obrigado a assumir, de apego, embora ‘sabendo’, sempre, que elas são representações (HALL, 2000, p. 111-112).

5.3 O que é pertencimento?

O ser humano nasceu para viver em sociedade, sendo muito difícil a sua convivência isolada. Todos nós buscamos um grupo de pessoas para a nossa convivência. Na escola, o aluno passará a construir um novo grupo de pertencimento social. É através do pertencimento que os alunos podem autenticar suas identidades em seus diferentes contextos de convivência.

Pertencer significa comungar características, vivências e experiências com outros integrantes das comunidades de pertencimento, gerando o sentimento de pertença. Para Berger e Luckmann (2004) o pertencimento está diretamente relacionado aos laços familiares, ser membro de uma sociedade, cultura, dentre outras relações que se estendem com o assentamento de vínculos, valores e referências.

Sarmiento (2002) defende que o pertencimento é constituído pelas relações comunitárias, pelas construções de referências, valores de pautas de condutas e distribuição de poderes que são inerentes à pertença comunitária (p.276).

5.4 Educação Continuada ou Educação Permanente?

As experiências dos alunos da contemporaneidade são ampliadas em função, por exemplo, da virtualização dos processos de comunicação, facilitando o acesso às informações e a aquisição do conhecimento. Sendo assim, o papel do aluno está sendo redimensionado. Ele passa a ser pensado como sujeito autônomo em termos de apreensões teóricas sobre o mundo e na condição de mediador dos conhecimentos e das informações que adquire através de diferentes fontes. Desse modo, o aluno constrói o seu conhecimento tanto na escola como em outros lugares.

A Educação de Jovens e Adultos deve reconhecer tanto os conteúdos formais como os conteúdos não formais, estabelecendo relações entre os conteúdos de sala de aula com as particularidades dos estudantes. Uma das particularidades desses alunos é de estarem inseridos no mundo do trabalho, o ideal seria conciliar o conhecimento adquirido no trabalho com o conhecimento formal da escola.

A Educação Continuada é aquela que se realiza ao longo da vida , continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana, e para Sérgio Haddad (2001) ela relaciona-se com a ideia de construção do ser. Abarca, por um lado, a aquisição de conhecimentos e aptidões e, de outro, atitudes e valores, implicando no aumento da capacidade de discernir e agir.

Essa noção de educação envolve todos os universos da experiência humana, além dos sistemas escolares ou programas de educação não- formal. Educação continuada implica repetição e imitação, mas também apropriação, resignificação e criação. Enfim, a ideia de uma educação continuada associa-se à própria característica distintiva dos seres humano, a capacidade de conhecer e querer saber mais, ultrapassando o plano puramente instintivo de sua relação com o mundo e com a natureza. (HADDAD, 2001 p. 191).

A sociedade de hoje, vive um paradigma de mudanças constantes, principalmente, em relação às tecnologias possibilitando uma rápida produção de informações e de comunicação. Esse cenário evoca, necessariamente, que os processos educativos sejam mais flexíveis para ampliar o conceito de educação para além dos sistemas escolares. A educação passa a ocupar cada

vez mais espaço na vida dos indivíduos, não só das crianças , mas também dos adultos trabalhadores.

Reconhecemos de que há muitas aprendizagens que têm melhores condições de se realizar fora da escola, e que cada vez mais espera-se de que a escola garanta a aquisição de habilidades e atitudes que tornem o trabalhador apto para aprender sempre de forma autônoma.

Na ideia de educação continuada, portanto, está também implícito o princípio de que haver complementariedade entre os diversos universos educativos. As zonas de interseção e interdependência entre a educação formal e a não-formal tornam-se mais visíveis não só no que se refere à qualificação profissional, mas também com relação a outros âmbitos de vivência que sofrem impactos da modernização, como lazer, cultura, o convívio familiar e comunitário.(HADDAD, 2001.p. 193).

O objetivo principal da educação continuada é a atualização de conhecimentos específicos, o conhecimento preside, ele define as práticas. Davini, 1994 define a educação continuada como: “Conjunto de experiências que se seguem à formação inicial e que permitem ao indivíduo manter, aumentar ou melhorar sua competência com o desenvolvimento de sua responsabilidade profissional”. Dessa forma, podemos perceber de que a educação continuada caracteriza-se a competência como atributo individual vinculado ao domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes.

A educação permanente aborda que a aprendizagem dos adultos requer que se trabalhe com elementos que “façam sentido” para os sujeitos envolvidos (aprendizagem significativa). Agregar o conhecimento científico ao mercado de trabalho, significa que qualquer pessoa que está trabalhando e estudando possa ter condições, opções para que ela possa desenvolver a sua condição de trabalhador e também ter condições de desenvolver seu conhecimento dentro da escola, isto é, casar o conhecimento formal, com o conhecimento informal, e assim oportunizando aos alunos que estejam no mercado de trabalho que agreguem maior conhecimento, mas para que isso aconteça a escola tem que oportunizar um espaço que crie condições para o atendimento ao mercado de trabalho e ao conhecimento científico.

Para Freire (1991) :

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda pelo fato de ao longo da história, ter incorporado à sua natureza o não apenas saber que vivia mas saber que sabia e , assim, saber que podia saber mais. A educação e formação permanente se fundam aí.(FREIRE, 1991 p.3).

A educação permanente trata da transformação das práticas, sendo que essas práticas são definidas por vários fatores (conhecimento, valores, relações de poder, organização de trabalho, etc.). Ela possibilita a construção de estratégias contextualizadas que promovem o diálogo entre as políticas gerais e singularidade dos lugares e pessoas, e é centrada na resolução de problemas.

Essa educação tem em vista o trabalho Como 'prática de ensino-aprendizagem' significa a produção de conhecimentos da escola a partir da realidade vivida pelos alunos, tendo os problemas enfrentados no dia-a-dia do trabalho e as suas experiências como base de interrogação e mudança. Apoia-se num ensino - problematizador, ou seja, o professor não tem superioridade em relação a aluno, ambos são iguais, e também numa aprendizagem significativa que são os interesses dos alunos com relação as suas vivências e experiências.

Apesar de ambas a educação continuada e educação permanente conferirem uma dimensão temporal de continuidade ao processo de educação, correspondente às necessidades das pessoas durante toda a vida, assentam-se em princípios metodológicos diversos. A educação continuada caracteriza a competência como atributo individual vinculado ao domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes e seu principal objetivo é a atualização de conhecimentos específicos, e o conhecimento preside e define as práticas, e a atividade educativa é pontual, fragmentada e se esgota em si mesma. Já a educação permanente seu objetivo principal é a transformação das práticas, tem que ser uma aprendizagem significativa que faça sentido aos envolvidos, possibilitando a construção de estratégias contextualizadas que promovem o diálogo entre as políticas gerais e singularidades dos lugares e pessoas.

Na secção seguinte trarei o estudo de caso, onde apresento a percepção dos alunos em relação a proposta da educação de Jovens e adultos.

6 ESTUDO DE CASO

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjeturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.(FREIRE,1997, p.98).

Neste capítulo trarei o estudo de caso, onde apresento a percepção dos alunos em relação a proposta da EJA e a sua permanência na escola.

6.1 Metodologia:

Escolhi por fazer um estudo de caso, pois é uma estratégia metodológica de se fazer pesquisa em ciências sociais. É uma metodologia que podemos avaliar ou descrever situações dinâmicas em que as pessoas estão presentes. Robert Yin (2005) destaca que a necessidade de se utilizar os estudos de caso “surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos” e que permite conservar as características significativas e gerais de eventos reais.

As informações foram buscadas através de entrevistas semi-estruturadas, porque esta técnica possibilita dar a liberdade aos entrevistados de se expressarem seus pensamentos e principalmente, seus sentimentos. Com as entrevistas recolhi dados descritivos na linguagem dos próprios alunos, me permitindo desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os entrevistados interpretam a sua permanência na escola. A análise dos dados coletados foi feita a partir da análise de conteúdo que me possibilitou analisar o que é explícito nas falas dos entrevistados para obtenção de indicadores que me permitiram fazer inferências. Bardin explica o que é análise de conteúdo:

Entende-se por análise de conteúdo “ um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativas ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.(Bardin, 2009, p.44).

As entrevistas com os alunos seguiram o seguinte roteiro:

- 1- Idade

- 2- Trabalho
- 3- Há quanto tempo você frequenta a Educação de Jovens e Adultos?
- 4- Quanto tempo você estuda na totalidade 3?
- 5- Por que voltou a estudar?
- 6- O que a sua escola representa para você?
- 7- Em sua opinião, qual é a melhor forma/ jeito de se aprender algo?
- 8- O que você acha que já aprendeu na sua escola?
- 9- O que mais gosta na escola, e nas aulas?
- 10- Por que frequenta a escola?

Destaco duas perguntas respondidas pelos entrevistados, as quais são fundamentais para as análises posteriores:

1) O QUE REPRESENTA A ESCOLA PARA VOCÊ?

Laís: <i>“ela é a o meio que posso conviver com outras pessoas e aprender mais”</i>
Terezinha: <i>“representa a minha saúde melhor, nela eu me sinto bem e aprendo muito”</i>
Carlos : <i>“É na escola que conseguimos ser alguém na vida”</i>
Paulo: <i>“Acho que aprendo mais em casa, do que na escola, porque na escola é um acúmulo de matérias, nem dá para associar direito, e nem vai precisar de tantas matérias no futuro.”</i>
Charles: <i>“A escola me dará a chance de conseguir emprego, porque quem não estuda não é valorizado.”</i>
Jurema: <i>“A escola representa o aprendizado, aqui nos aprendemos para conseguir ser algum na vida.”</i>
Gilberto: <i>“Adoro estar na escola, pois poderei aprender mais, para ocupar outro cargo no meu serviço.”</i>
Daniel: <i>“Na escola eu vejo os meus amigos e aprendo tudo que é necessário”.</i>
João: <i>“A oportunidade de voltar estudar me deixou muito feliz, agora sei ler e escrever e falar em público”</i>
Tânia: <i>“A escola é tudo em nossa vida , abre a nossa cabeça para o que tá acontecendo no mundo”</i>

Amélia: *“Ela é a solução de se ter um mundo melhor, porque quem não estuda acaba indo para o caminho ruim.”*

Marcus: *“Na escola nós aprendemos muito, e fui valorizado no serviço, antes não sabia nem ler, agora passei a ser encarregado.”*

A percepção nessa pergunta é de que a grande maioria dos alunos afirmam que a escola representa um lugar de se conviver, aprender, chance de se conseguir emprego, ser alguém na vida e de ter aprendido, de conviver com os amigos, e ser a solução de se ter um mundo melhor.

2) EM SUA OPINIÃO, QUAL A MELHOR FORMA / JEITO DE SE APRENDER?

Laís: *“é prestando atenção no que a professora diz , e estudando em casa”*

Terezinha: *“fazendo prova difícil, copiando do quadro e refazendo tudo de novo em casa, para responder como a professora quer”*

Carlos : *“prestando atenção na aula”*

Paulo: *“ ensinar coisas que eu vou utilizar na vida, para quê estudar o nome do fenômeno tal, do elemento tal, o ideal é fazer agente achar sentido no conteúdo. Gosto quando deixam a turma trabalhar em grupo..”*

Charles: *“ em grupo.”*

Jurema: *“ Aprendo com os meus colegas também em grupo.”*

Gilberto: *“ a melhor forma é conversando e dialogando na aula.”*

Daniel: *“ sem decoreba, como a tabuada nunca vou entender decorando”.*

João: *“o jeito de se aprender melhor é quando a professora deixa a gente conversar em grupo, daí tem a troca de ideias todos tem alguma coisa a dizer ”*

Tânia: *“ acho que é participando e ler mais”*

Amélia: *“É quando podemos fazer trabalhos em grupo um ajuda o outro assim, todos aprendem.”*

Marcus: “*quando há respeito entre o professor e o aluno.*”

Na segunda pergunta a percepção dos alunos remete a duas concepções metodológicas: que se aprende ouvindo e copiando (escola tradicional), aprende-se em grupo, participando e onde há respeito (escola cidadã). Sendo assim, pode-se dizer que a maioria do grupo percebe a escola no seu caráter cidadão (respeito coletivo).

6.2 Contexto da escola pesquisada.

(...) o espaço, para os indivíduos, não é apenas o que pode ser ouvido ou lido, mas também o que é eliminado; o que se pode fazer num determinado espaço determina a maneira de experimentá-lo (HALL, In. TELLES, 1962).

A presente pesquisa teve seu início através do estágio curricular obrigatório da sétima etapa do curso de pedagogia, realizado na Escola Municipal Vereador Antônio Giúdice, localizada no Bairro Humaitá na região norte de Porto Alegre. O Humaitá caracteriza-se por ser uma região essencialmente residencial, dispendo de pequeno comércio que atende aos moradores locais. A partir da década de 1960, com os problemas da cidade se ampliando devido ao constante crescimento populacional, trazendo problemas de habitação, transportes e infraestrutura, a expansão para a zona norte/nordeste da capital tornou-se mais efetiva, uma vez que os custos de moradia eram mais acessíveis em função da distância do centro. O bairro Humaitá foi, então, um dos setores residenciais projetados pela iniciativa privada nos anos 70, com o objetivo de responder aos problemas de habitação da cidade.

A grande maioria dos alunos dessa escola são moradores das 16 vilas que compõem o Bairro, onde funcionava um lixão que foi aterrado, dando lugar às construções de casas, edifícios residenciais e comércio local. O aterro preservou parte da reserva ecológica, onde são encontrados muitos animais

aquáticos e aves, a reserva situa-se dentro do Parque Municipal Marechal Mascarenhas de Moraes.

A escola atende nos três turnos, apenas o Ensino Fundamental, sendo à noite destinada à Educação de Jovens e Adultos. Ela dispõe de sala de informática, sala de artes, biblioteca, laboratório de química, quadra de futebol, pátio coberto, pátio ao ar livre, sala dos professores, direção, cozinha, refeitório, Secretaria, SOE, sala de apoio aos alunos com necessidades especiais, e um enorme ginásio, e um pequeno pomar de árvores frutíferas.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola um dos maiores objetivos da escola é garantir a igualdade entre todos os alunos, sem discriminar raça, etnia, opção religiosa ou alunos com necessidades especiais. Quanto às questões de raça ou etnia, a escola desenvolve ações pedagógicas de combate ao racismo, além de contemplar as temáticas afro-brasileira e indígena demonstrando e ressaltando a importância das relações etno-raciais no contexto escolar como uma proposta de respeito à diversidade, valorizando a cultura africana e indígena, assim como de prevenção às atitudes preconceituosas.

6.3 Sujeitos e avaliação

Para esta pesquisa foram escolhidos doze alunos da turma que realizei o meu estágio obrigatório, a T3 (correspondente a quarto e quinto ano do ensino fundamental) tendo em vista o período que encontram-se na mesma Totalidade², e que não conseguem avançar, e continuam permanecendo na escola.

Nessa escola o avanço para outra totalidade pode ser dado em qualquer momento, dependendo da avaliação que o professor faz do aluno. No meu entendimento, a avaliação não está no foco de medir o aluno e sim perceber,

² Na experiência das Totalidades de Conhecimento, os conteúdos se libertam da seriação, da fragmentação, da hierarquização, da descontextualização e das peculiaridades da escola tradicional, passando a ter uma conotação interdisciplinar. Considerando que “ *o mundo é material é dialético, isto é, está em constante movimento, e as coisas estão em constante relação recíproca, ou seja, nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido isoladamente, fora dos fenômenos que o rodeiam. Daí a importância da categoria Totalidade, que determina a predominância do todo sobre as partes constitutivas*”(GOUVEIA, 1996).

buscar no aluno evidências que nos dê argumentos para rever nossas ideias e nossas práticas e a tomar consciência dos pontos fortes e fracos da nossa atuação como professor.

Considerando que a permanência dos Jovens e Adultos na escola é marcada por muitas dificuldades inclusive conciliar trabalho e estudo, além de problemas financeiros. Avaliar simplesmente por avaliar, não transforma a realidade. A avaliação pedagogicamente, é mais interessante que seja feita durante o processo para obter informações sobre a aprendizagem dos alunos, esta é a avaliação formativa. Segundo Luckesi (1996,p-69)

[...] entendemos a avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão compreendemos assim, que o processo pretende atingir, bem como o quanto o aluno aprendeu e que estratégia é preciso ser reformulada e /ou alterada para que esse objetivo seja atingido.

Muitos dos meus alunos, durante o estágio obrigatório, vieram até a mim, perguntando se eu não iria fazer prova, trabalhos valendo nota, pois, para eles avançarem teriam que ter uma nota registrada, Como eu iria saber se eles iriam avançar ou não?

Não há como negar que ainda na avaliação de EJA, em muitas escolas ainda usam como critério as notas, e todas atribuem pesos diferenciados para cada atividade, dependendo do valor de cada uma, de acordo com critérios estabelecidos somente pelos professores. A avaliação da aprendizagem é feita de forma a classificar o estudante.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) determina que a avaliação seja "contínua e cumulativa" e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos. Os resultados conquistados pelos estudantes ao longo do ano escolar devem ser mais valorizados que a nota da prova final.

A maioria dos estudantes se interessam só em saber a nota da prova. Esse é um comportamento aprendido já que normalmente a "avaliação" escolar se confunde como a principal informação que é dada aos alunos, é a nota. Obviamente, isso pode e deve ser modificado. O educando precisa de um "retorno" a respeito do que ele fez seja um trabalho, uma prova, uma apresentação, deve ser detalhado, positivo e construtivo. É preciso detectar as

causas do erro e buscar estratégias para superar as dificuldades dos alunos. Portanto, o resultado mais importante da avaliação deve ser a qualidade desse “retorno” que pode ser dado individualmente por escrito, ou coletivamente, por meio de comentários pessoais e não o número de questões certas ou a nota, acertos e erros que o professor encontrou. Mas o que se constata é o poder do professor que se coloca numa atitude de reter as informações que se referem ao estudante, somente ele tendo acesso esta atitude dá margem ao professor de conceder ou tirar as notas. Compartilhada a avaliação com educando este poderá fazer sua autocrítica e melhorar o seu desempenho.

Diante as perguntas dos alunos, tive que dar a minha posição aos questionamentos deles a respeito de se ter provas. Disse a turma de que a avaliação exige observação de cada aluno no processo de construção do conhecimento individual ou em grupo. Que exige uma relação direta com ele na realização de muitas tarefas (orais e escritas), interpretando-as, refletindo. De que o todo tempo eu estava avaliando eles e também a minha prática pedagógica, e que para se ter uma análise não era preciso fazer provas.

6.4 Conhecendo os sujeitos do Estudo de Caso:

[...] os estudantes que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente um projeto, fruto das experiências dentro do campo das possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos. (DAYRELL, 1996, p.144).

Para o presente estudo decidi por fazer a pesquisa com os alunos que se encontravam mais de dois anos na mesma totalidade, pois acredito que esse grupo específico com suas percepções sinalizam elementos importantes para ser analisado na pesquisa. Para apresentá-los preferi por colocar nomes fictícios para preservar suas identidades.

O primeiro aluno a ser apresentado é o João com 65 anos, trabalha no Teatro São Pedro há 20 anos como guarda, e tem grande prestígio pelos colegas por ser membro integrante do Conselho Escolar da escola e tratar de assuntos da comunidade em assembleias que acontecem na comunidade uma

vez por mês. Estudou até a segunda série, e está estudando nessa escola por seis anos, mas se encontra na mesma totalidade há três anos. No período que estive com esse aluno percebi, que ele consegue se comunicar muito bem, dando sua opinião e defendendo seu ponto de vista, a sua dificuldade é na escrita que escreve de forma silábica.

Laís também escreve dessa forma conseguindo unir algumas sílabas pelo o som que elas fazem. Apesar de seus 62 anos ela trabalha como diarista e tem um maior astral em sala de aula, sempre fazendo piadinhas e de bom humor. Estudou até a quarta série, e está nessa mesma turma por dois anos.

Terezinha com 71 anos é aposentada, tem uma dificuldade de locomoção devido a ter osteoporose que atinge principalmente as pernas, mas isso não é um empecilho, pois é muito assídua as aulas, e participativa, sua dificuldade está na escrita que não sabe ainda diferenciar/ reconhecer as letras, e permanece na T3 há dois anos.

Carlos, é o mais novo da turma com 17 anos, trabalha em uma rede de supermercado como menor aprendiz. Falta bastante as aulas, alegando muito cansaço. Faz dois anos que passou para o turno da noite, pois segundo ele de dia ele fazia muita bagunça e os professores não aguentavam mais. Não avançou ainda.

Paulo tem 46 anos está encostado por invalidez, é mecânico de uma empresa de ônibus, estudou até a quinta série e tem bom entendimento das propostas em aula, mas se nega a fazer as atividades, não se permitindo a aprender. Está há dois anos na mesma totalidade.

Charles com 19 anos está a três anos na mesma totalidade. Tem muita dificuldade na escrita e na compreensão das atividades, e de se relacionar com os colegas. Atualmente faz curso de auxiliar de padeiro nas tardes.

Jurema tem 32 anos, trabalha em casa de família e fica a semana toda longe de casa, pois tem que posar no emprego. A escola fica na frente do serviço e quem a motivou a voltar a estudar foi sua patroa. Estudou até a terceira série, e permanece na T3 por dois anos.

Gilberto 32 anos estudou até a terceira série, é auxiliar de serviços gerais, mas está encostado por ter osteoporose e participa do programa readaptação profissional, está a três anos na mesma totalidade.

Daniel é o que está mais tempo nessa totalidade durante quatro anos, tem 28 anos, e segundo a professora titular da turma ele tem sinais de autismo, não permitindo se relacionar com os colegas, tem a escrita bem comprometida não sabendo diferenciar as letras.

Tânia estudou até a quarta série, tem 39 anos a sua dificuldade está mais relacionada com a memória, esquece muito rápido o que aprende. Na matemática não consegue se concentrar e diferenciar as quatro operações. Permanece há três anos na mesma totalidade.

Amélia 42 anos estudou até a quarta série está encostada por problemas na coluna, está na mesma totalidade por dois anos.

Por último apresento Marcus com 35 anos, que trabalha como encarregado no setor de serviços gerais de uma empresa. Está dois anos na T3, É muito assíduo, faz todas as atividades, tem bastante comprometimento na escrita, troca muitas letras pelos sons parecidos.

6.5 Análises das narrativas dos alunos.

Na turma que realizei o estágio obrigatório havia oito alunos com mais de 60 anos e eles interviam bastante nas falas dos colegas, mostrando que na sociedade os idosos de agora não ficam mais só em casa, que eles também participam da sociedade. E o ponto mais ressaltado foi o fato deles voltarem a estudar.

Os educandos afirmaram que a sua volta à escola tem como principal motivo e de querer aprender mais. É o desejo por uma escolarização formal, tida como sonho por muitos deles, que os moveram a frequentar as salas de aula na terceira idade.

Eu não vou arrumar emprego, né? Não vou trabalhar e nem quero. Ainda brinco assim, se arrumarem pra mim eu não quero. É pelo prazer mesmo de estar aprendendo. Ficando mais, mais a par das coisas, né? Porque você vai ficando.... ainda mais eu, eu tinha só até a quarta série. (Laís 62 anos).

Entretanto, acredito que ter a motivação para frequentar a escola é apenas o primeiro passo. No cotidiano eles enfrentam vários desafios que poderiam levá-los a desanimar, como o preconceito que temiam sofrer no interior de um estabelecimento de ensino, a memória, o longo tempo longe dos bancos escolares, terem que estar distante dos familiares no período em que todos se reúnem em casa depois do trabalho, de alguns familiares por pensarem que os idosos, na idade que estão não deveriam mais estar frequentando a escola.

Para o senhor João que é representante de alunos no Conselho Escolar da escola, com seus 65 anos, ele diz que os desafios são muitos para estar frequentando a escola, mas que para ele é gratificante:

As pessoas me procuram, assim, às vezes com uma filha que não quer estudar, né? Outro dia mesmo tinha uma senhora me chamando na sala de aula. Ela estava com um jornal na mão, com o meu retrato (dei uma entrevista para o diário gaúcho). Ela com o jornal na mão e a filha do lado. Um moça muito bonita! Ela falou assim: " Seu João, desculpa mas eu mandei chamar o senhor porque minha filha não quer estudar. Eu quero mostrar para ela a pessoa que é o senhor, que a senhor estuda. Mostrei para ela o jornal e ela quis certificar que senhor estuda. (...) Eles resolvem olhar a gente mais idosa lá e lá vai indo. Outro dia ela sentou comigo e conversou muito tempo, falei: "Que bom, né! Que bom que a gente está aqui para ajudar! Porque se eu estivesse lá, fazendo alguma coisa assim... não estava nem ligando, né? Mas eu valorizo muito, muito, muito. Ensino os outros a valorizarem esta oportunidade que nós temos. Que é muito importante de aprender sempre mais. (João).

A volta à escola tem promovido uma melhor qualidade de vida que pode ser sentida por estes educandos em vários aspectos. Estas melhorias refletem-se também na sociedade em que estes idosos encontram-se inseridos. Freire (2001) ressalta que vem aumentando a consciência de que os idosos podem sentir-se mais felizes e realizados e de que, quanto mais forem atuantes e estiverem integrados em seu meio social, menos ônus trarão para a família e para os serviços de saúde. (FREIRE, 2001, p.21). A escola é um espaço que lhes proporciona um acesso maior a conhecimentos que podem facilitar suas relações com a idade. Sendo assim, possibilita que aprendam a conviver melhor com as características próprias da faixa etária em que se encontram,

assegurando-lhes a manutenção de uma boa qualidade de vida, com mais dinamicidade e prazer:

Dizem que cabeça vazia é só para pensar em besteira, só pensava que iria morrer! Então você só fica assim pensando, dá três horas você pensa: "Poxa, está na hora de tomar um banho para ir para aula". Aí você não pensa em doença, você não pensa em nada, né? Não pensa em coisa ruim, em nada, Não me sinto mais sozinha. Você tá lá na aula lá, você está só naquilo ali. Eu não penso nem nas dívidas quando eu estou na sala de aula, posso não ir para a outra turma, mas continuo querendo aprender tudo o que não pude quando era jovem, a escola me faz bem, e a juventude também.. (Terezinha 71 anos).

De acordo com Capitanini (2003) uma das maiores preocupações relacionadas à qualidade de vida na Terceira Idade encontra-se na busca por formas de prevenir ocorrências e situações que afetem o bem-estar das pessoas, entre elas o sentimento da solidão. Para esta autora, dentre outros fatores para se manter uma boa qualidade de vida na velhice está a busca por novos canais de comunicação entre pessoas da própria geração e de outras. A escola tem sido para estes sujeitos pesquisados, um espaço de estabelecer contatos sociais, ampliando suas relações e suas amizades, gerando assim, uma melhor qualidade de vida. E apesar de não conseguirem avançar para outras totalidades continuam permanecendo na escola pelo bem que isso faz a elas, pois só o fato de pertencer à escola isso já muda suas vidas.

O Ensino de Jovens e Adultos no Brasil como observamos em outro capítulo está inserido na meta do Estado Brasileiro de erradicar o analfabetismo juntamente com a de proporcionar uma modalidade diferenciada de ensino para uma parte da população que principalmente por razões econômicas não teve acesso à educação em idade escolar. Embora que é enfatizada a necessidade de promover entre os sujeitos da EJA o aprendizado para a formação escolar, também está enfatizada a formação de sujeitos sociais críticos e aptos a lidar com as exigências do mundo em transformação. Mas o que temos observado, na prática são pessoas voltando à escola em busca de uma certificação para estarem mais aptos para o mundo do trabalho. Nas falas de Jurema, Tânia, Charles e Marcus podemos ver bem essa questão:

Voltei para a escola com um único objetivo, conseguir passar e conseguir outro emprego, para ser alguém na vida porque sou empregada doméstica e não sou valorizada, e gostaria de trabalhar em outro ramo como enfermeira, secretária. Eu gosto de lidar com o público, mas só com a terceira série ninguém me aceita nas empresas, então continuo tentando e vou chegar lá.(Jurema).

Trabalho o dia inteiro correndo para lá e para cá. Faço faxina em diversas casas, tenho que fazer bem feito o meu serviço senão não tenho mais clientes. Na época não pude estudar, agora voltei para conseguir um melhor emprego que eu consiga descansar um pouco e ter mais tempo para mim. Com a escola nós conseguimos melhores empregos. (Tânia).

Voltei a estudar porque ninguém me dá emprego, nunca trabalhei e quero conseguir meu primeiro emprego, na escola aprendendo eu terei mais oportunidades, e chance de conseguir emprego porque só é considerado quem tem estudo. (Charles).

Sou encarregado com muito esforço do serviço gerais, mas queria crescer mais na minha empresa, talvez ser um encarregado dos setores de vendas, mas para isso preciso estudar muito, para conseguir avançar para outras salas e conseguir terminar o fundamental para depois o médio, só assim poderei passar para outro cargo e ter um bom salário. (Marcus)

Essas falas são bastante significativas para nós pensarmos que na nossa sociedade a escola ainda é vista como meio de ascensão social, pois desde criança ouvimos a seguinte afirmação “tem que estudar para ser alguém na vida” e somos questionados durante a escolarização o que vamos ser quando crescer.

É, assim, quase unânime a relação pelos estudantes entre a passagem pela escola, com a consequente certificação, e a possibilidade de ocupar bons postos de trabalho (seja num primeiro emprego, seja retornando ao mercado de trabalho depois de desempregados, ou ainda ascendendo profissionalmente). Afirmando buscar a escola para obter “maiores chances de disputar um emprego digno”; para “melhorar no campo profissional, crescendo e desenvolvendo para um futuro melhor”. (Rummert, 2005, pg.125).

Percebemos nas falas dos alunos, a crença de que os conhecimentos aprendidos na escola são de muita importância e fundamentais para o futuro, principalmente o futuro profissional. Destacam que quanto maior é o grau de escolaridade maiores chances terão de conseguir melhores empregos, ou melhores salários. Eles consideram que a educação é o meio mais importante e até mesmo o mais acessível para se conseguir um “bom” trabalho e reconhecimento na sociedade. E que apesar das dificuldades passadas ou presentes, os alunos veem a escola com olhar de esperança. Esperança de conseguir um emprego melhor, ou até mesmo de conseguir o “primeiro emprego” e assim, ter melhores condições de vida.

Assim, a EJA para esse grupo de alunos se configura como possibilidade de elevação de escolaridade e também elevação da qualificação dos alunos trabalhadores ou dos que venham a ser. E dessa forma pode-se inferir que é por isso que retornam à escola e permanecem mesmo não

avançando para outras totalidades, pois há sempre a esperança de mudar, de superar a condição de excluídos.

É preciso ter presente, e não se iludir que a escolarização proposta pela EJA seja uma porta de saída, entendida pelos alunos e que valoriza a educação no seu sentido mais amplo.

Diferente desse grupo, que afirma que a escola é um espaço de ter possibilidades de conseguir um emprego, e com a elevação da qualificação de conseguir um cargo melhor, tem alunos que caracterizam a escola como uma estratégia de sobrevivência ou como meio de conseguir benefícios. Identificamos esta percepção na fala que segue, onde destacamos em negrito os elementos principais.

*Estou vindo as aulas nesses dois anos e meio, por causa que estou encostado no INSS, e eu **ganho uma remuneração por estar estudando**. A remuneração é boa, não dá para viver só com o dinheiro do INSS, só que eu tenho que ter presença na aula, mas não é preciso passar. **Eu não quero ir para outra turma porque lá são mais professores e daí é mais para me incomodar, mais trabalhos**, matérias tá bom assim, já tenho muitos problemas em casa para me preocupar com a escola. **Só venho por causa do dinheiro mesmo. Na escola eu não aprendo nada, em casa eu aprendo mais.** (Paulo, 46 anos, 2 anos na mesma totalidade).*

Paulo participa assim como outros colegas de sua turma, de um programa chamado Reabilitação Profissional, que fornece além do dinheiro conquistado pela Previdência Social, uma bolsa- auxílio de alimentação e vale transporte para os integrantes.

Conforme site da Previdência Social a reabilitação Profissional é constituída pelos serviços de assistência reeducativa e de readaptação profissional, e é prestada pela Previdência aos segurados incapacitados parcial ou totalmente para o trabalho, independente de carência, e às pessoas portadoras de deficiência. O objetivo desses serviços é proporcionar aos segurados os meios para a reeducação ou readaptação profissional e social que lhes permitam participar do mercado de trabalho e do contexto em que vivem.

O segurado encaminhado ao Programa de Reabilitação Profissional, após avaliação médico- pericial, está obrigado, independentemente da idade sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se ao programa prescrito e custeado pela Previdência Social. A reabilitação profissional brasileira

caracteriza-se como uma política integrante do sistema de benefícios previdenciários, desenvolvida com exclusividade no âmbito do Estado, uma resposta pública à questão da incapacidade associada aos acidentes de trabalho e às doenças profissionais (TAKAHASHI: IGUTI,2008).

Neste programa as pessoas que estão incapacitadas para trabalharem no cargo que exercem, após perícia médica, são analisadas em quais outras funções poderiam exercer. Se as pessoas não tem o nível de escolaridade correspondente a função que poderiam exercer, esse programa encaminha elas para a cursos profissionalizantes e para a Educação de Jovens e Adultos, disponibilizando transporte e alimentação em dinheiro . Elas têm que voltar a estudar, é exigido somente a frequência senão perdem o benefício. Depois de concluído o processo de reabilitação profissional, o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) emite um certificado indicando a atividade para a qual o trabalhador foi capacitado profissionalmente.

Na fala de Paulo ele mostra que não tem nenhuma intenção de avançar para outra totalidade, pois para ele o que interessa mesmo é o dinheiro/benefício que ele está ganhando com esse programa. Mesmo tendo capacidade de estar em outra etapa, ele não se permite a aprender, já que dele é cobrado apenas a presença e não o conhecimento. Para ele está bom assim, mas o problema é que irá fazer três anos que está desse jeito, sem querer aprender para continuar no programa, pois se avançar para outras totalidades poderá ser considerado capacitado a exercer outra função, e ele não quer voltar a trabalhar. Então, ele considera melhor ignorar o conhecimento, não se permitindo a aprender.

Bernard Charlot (2005) ressalta que é grande a distância entre o aprender e o estar na escola, que os alunos chegam até se referir a dois tipos de situações, o aprender na escola (que inconscientemente não serve para nada) e o aprender na vida (esse sim com mérito de aprendizado). Esse autor insiste em não limitar o resultado escolar à condição social do aluno, pois pertencer a uma classe social e não aprender não significa que seja ocasionado por carências de ser de uma classe menos favorecida o que deve ser levada em consideração é a história de cada aluno e sua construção

pessoal. Os motivos dos alunos não aprenderem podem estar associados as suas formas de entendimento do que seja trabalho escolar.

Assim como esse sociólogo eu também acredito de que para se ter uma relação com o saber em primeiro lugar o aprender deve ter significado, porque não é só ir para a escola, estar com os amigos, mas o assunto deve ter significado suficiente para que desperte no aluno o desejo de saber sobre aquilo. Charlot destaca a “aula interessante” de que o desejo de todo professor é que seus alunos tenham tanto interesse sobre o que ele tem a dizer, que essa relação seja construída de forma natural.

Paulo em sua fala destaca que não tem nenhum interesse de avançar, pois se isso acontecer, ele irá para outra turma que terá mais professores ,trabalhos e matérias. Bernard Charlot apresenta outro fator relevante para que a relação com o saber seja criada de forma que leve ao aprendizado, afirma que é a capacidade do aluno entender que cada disciplina ou assunto deve ser tratado, dentro do seu intelecto para que seja compreendido, porque cada disciplina tem sua singularidade e exige determinadas competências para ser compreendida. Assim o aluno deve refletir sobre o que aprende como aprende.

Na pergunta sobre de qual a melhor forma / jeito de aprender algo, Paulo reforça que **“ensinar coisas que eu vou utilizar na vida, para quê estudar o nome do fenômeno tal, do elemento tal, o ideal é fazer agente achar sentido no conteúdo. Gosto quando deixam a turma trabalhar em grupo.”** Diante dessa fala, percebemos que ainda as escolas não estão conseguindo atingir o ideal, de que o processo educacional , este não se restringe à sala de aula, pois está presente e constitui o sujeito durante a sua vida inteira, antes e depois da escola, o que exige que se leve em consideração as suas vivências e o que fazemos e ensinamos, e como ensinamos nas práticas escolares.

Porém, ainda encontramos os alunos que trazem consigo uma pré – concepção do que deveria ser a escola e o ensino, normalmente relacionados a uma educação tradicional e conteudista, em que o professor detém o saber, que transfere aos alunos por meio de atividades como cópias, provas e que não fazem os alunos partirem para uma reflexão. Percebemos na fala de

Teresinha de que a melhor maneira de se aprender é: **“fazendo prova difícil, copiando do quadro e refazendo tudo de novo em casa, para responder como a professora quer”**. “A aluna em sua fala demonstra que os alunos devem ser avaliados por provas (difíceis) e, para serem aprovados, precisarão estudar muito para se mostrarem “preparados” para as respostas “ certas”.

Outro destaque importante foi que nas falas dos entrevistados a questão de se trabalhar/ conversar em grupo como uma forma significativa de se aprender. O trabalho em grupo é uma oportunidade de construir coletivamente o conhecimento. Por meio dessa prática, os alunos se relacionam de modo diferente com o saber. É o momento das trocas, em que eles se deparam com diferentes percepções, assim construindo o conhecimento “juntos” , e assim resultando na aprendizagem. Veiga (2000) fala dessa importância de interação na escola para o processo aprendizagem:

Nos grupos formados com objetivos educacionais, a interação deverá estar sempre provocando uma influência recíproca entre os participantes do processo de ensino, o que me permite afirmar que os alunos não aprenderão apenas com o professor, mas também através da troca de conhecimentos, sentimentos e emoções dos outros alunos. (Veiga, 2000, p.105).

Ao analisar os motivos que levam os alunos da EJA a retornarem à escola, verifiquei que essa volta é, para alguns alunos, a busca de uma escolarização que não pode ser desenvolvida com outros tempos e propostas. O que os fazem permanecer mesmo não conseguindo o avanço para as outras totalidades, são os objetivos urgentes (busca de emprego, melhoria salarial, reconhecimento social, término dos estudos, meio de sobrevivência, melhores condições de saúde, etc.). Esses alunos que persistem e seguem os estudos elaboram novas leituras para o espaço escolar e encontram motivações próprias para o alcance de seus objetivos, a escola, nesse caso é (re)significada por seus estudantes.

Na seção seguinte apresento a importância de se realizar essa pesquisa e as minhas percepções e relevância de cada capítulo desse trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esse estudo trazendo um breve retrospecto para uma melhor compreensão do lugar e dos processos de ensino e aprendizagem e nele situar a escola. Apresentei dados da mídia que a educação ainda “precisa de respostas” e, pode-se dizer que entre muitos problemas que afligem a educação estão os recursos humanos, materiais, pedagógicos, etc.

Em consequência desses problemas, apresentei o fenômeno de evasão e repetência, que afetam em grande maioria as escolas públicas, e principalmente àqueles em dificuldade e vulnerabilidade social. Referenciei-me em autores que buscaram encontrar soluções e responsáveis para este problema.

O capítulo Historiando a Educação de Jovens e Adultos me proporcionou uma melhor compreensão das políticas públicas da EJA que tem como maior objetivo a formação para o trabalho e inserção social de jovens, que na atual conjuntura cada vez mais tem os elementos de pertença e identidade questionados ou difusos.

Busquei compreender as diferentes possibilidades de incluir os alunos em um sistema pautado nos princípios de uma educação inclusiva, apresentando os conceitos de inclusão, identidade, pertencimento, e a diferença entre educação continuada e educação permanente, pois são conceitos que permitem pensar uma educação inclusora. Esses conceitos me oportunizaram pensar o processo educativo proposto pela EJA, onde os espaços educativos escolares permitem e reforçam a construção de pertencimento- inclusão (convivência laços sociais), identidade (construção de sujeitos sociais), e a educação permanente(conhecimentos e apreensões teóricas).

No estudo de caso pude compreender/ identificar os elementos que levam os alunos a continuar frequentando a escola. O que os motivavam a permanecerem na escola quando a imensa maioria dos colegas já haviam desistido? Dayrell comenta que, em determinados momentos:

[...] a aula, para os alunos, parece ser uma provação necessária para atingir a meta, que é ter notas para passar de ano. O que dá sentido e motivação são as notas, os possíveis pontos que vão ganhar com cada uma das atividades passadas pelo professor. [...] O conteúdo é encarado como um meio para o verdadeiro fim: ser aprovado. E a escola também tende a se tornar um meio para outro fim :o diploma e, com ele, a esperança de um emprego melhor, etc. (DAYRELL,1996, p.157).

Apresentando uma educação rígida, repetitiva e “ conteudista” a escola, torna o aluno um simples coadjuvante no processo educativo. Não há um estabelecimento de relações significativas a respeito do que se ensina e se aprende na escola, por parte desses alunos. Nos remete a pensar, sobre qual seria o papel da escola e dos educadores em um processo educativo.

Muitos dos alunos entrevistados chegaram a EJA, porque a escola não chegou a eles na infância. Outros não puderam estudar, pois, a escola que lhes foi ofertada não olhava para aqueles que necessitavam trabalhar na infância. E, ainda, alguns chegaram a frequentar a escola, mas acabaram por abandoná-la logo nos primeiros anos, pois não se adaptaram a mesma. Repensar a educação escolar, principalmente a EJA, levando em conta as diversidades presentes em nossa sociedade, talvez seja um dos possíveis caminhos para uma (re)aproximação com esses alunos. Muitos desses alunos “excluídos” na infância acabam em um momento posterior de suas vidas, procurando a escola novamente, agora, na Educação de Jovens e Adultos. No entanto, observamos pelo grande número de evasão e repetência, que a exclusão ainda se manifesta pela falta de diálogo entre a escola (seus objetivos) e alunos (seus projetos sociais).

Apesar do forte movimento de evasão e repetência na EJA, existem alunos que persistem e seguem os estudos. Esses alunos elaboram novas leituras para o espaço escolar e encontram motivações próprias para o alcance de seus objetivos. A escola nesse caso, é (re) significada por seus estudantes que a veem como um meio para atingir desejos (emprego, melhoria salarial, reconhecimento social, estratégia de sobrevivência, qualidade de vida, etc.).

Entendo que a Educação de Jovens e Adultos deveria ser encarada, não de forma residual e secundária, mas sim como parte integrante e essencial da educação. Ela é a possibilidade de sujeitos oriundos das camadas populares

ampliarem seus conhecimentos, suas práticas, suas capacidades, e de se desenvolverem cidadãos críticos e responsáveis. Para tanto, faz-se necessário ver os alunos como seres pensantes, produtores de conhecimento e ideias e portadores de subjetividades. O menosprezo à EJA acaba por gerar um movimento constante de exclusão e culpabilização dos sujeitos por não estarem na escola (PINTO, 1991). A escola deve ser encarada como local de convivência entre diferentes e de possibilidade de ampliação e socialização de conhecimentos. Porém, se faz necessário que a Educação de Jovens e Adultos busque uma aproximação com seus alunos, olhando-os como seres carregados de experiências e em constante movimento pessoal e social, o que talvez possibilitasse um outro fazer escolar.

A pesquisa é a busca de conhecer, compartilhar o conhecimento. É um tipo de investigação quando temos interesse, necessidade de saber de um determinado assunto. Essa necessidade nos dá um caminho a ser pensado previamente, para chegarmos a um determinado lugar, buscando sempre responder as necessidades a partir de nossas próprias experiências para chegarmos a transformações e mudanças.

A presente pesquisa foi fundamental no meu fazer docente, pois me proporcionou um aumento do conhecimento em relação à Educação de Jovens e Adultos, me fazendo mudar de atitudes e reconhecer os aspectos positivos e negativos da prática. A implicação no trabalho docente centra na investigação e encoraja o professor a ser reflexivo e examinar o seu próprio ensino, com vista ao aprimoramento de sua atuação. Possibilitando assim, uma melhor compreensão dos fenômenos educativos.

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um Ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (PAULO FREIRE, 1979, p.17).

Entendemos que, somente uma pessoa que tem a capacidade de distanciar pode compreender processos e dinâmicas do que acontece nos espaços educativos escolares. Desse modo, essa pesquisa nesse momento, nessa parte que se chama considerações finais trata exatamente disso.

Eu como acadêmica, como mulher, que participou da dinâmica da sala de aula vem ao final do curso e através deste trabalho construir um olhar de "distanciamento", isto é, ter um olhar diferenciado e fundamental para quem no final do curso de pedagogia pretende pensar os processos e dar pistas de reflexões que permitam compreender a educação como um processo aberto, plural, dinâmico, no qual aquele que aprende e aquele que ensina têm que está comprometido com a questão da emancipação e da autonomia.

Assim, as considerações finais, que vem dessa pesquisa, são resultado exatamente desse tempo que não mais como aluna, mas como profissional da educação que busca fazer o necessário para traduzir um compromisso e um comprometimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Raimundo Helvécio Almeida. **Educação de adultos no brasil: políticas de (des) legitimação**. Tese de Doutorado. Campinas Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ALVES, Rosemeri Corrêa. **Memórias de escola de alunos adultos- implicações nas práticas pedagógicas contemporâneas**. Porto Alegre. UFRGS, TCC, 2005.

AZEVEDO, José Clovis de. **Reconversão cultural da escola: mercoescola e escola cidadã**. Porto alegre: Sulina Universitária Metodista, 2007.

ARROYO, Miguel G da. **Escola Coerente à Escola Possível**. SP: Loyola, 1997(coleção Educação Popular-n° 8).

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. **Causas e consequência da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola “ expedito Alves”**. Disponível em: [http:// Webserver. Falnatal.com.br/](http://Webserver.Falnatal.com.br/) revista nova acesso em 14 de setembro de 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERGER, P.L; LUCKMANN, T. **A construção Social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CADERNO PEDAGÓGICO N° 8, SMED. **Em busca da Unidade Perdida, Totalidades de Conhecimento**. Porto Alegre, 1997.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento: um estudo de caso.** Tese de Doutorado, UERJ, RJ.2011.

CAPITANINI, Marilim eE. S. Solidão na Velhice: realidade ou mito. In Neri, Anita L. E Freire, Aparecida (orgs) **Diálogos na educação de Jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006, 2ª ed.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria.** POA: Artes médicas dos Sul, 2000.

CRUZ, P.A.S; FREITAS, S.A.D; **Disciplina , controle social e educação escolar: Um breve estudo à luz do pensamento se Michel Foucault.** Revista do laboratório de estudos da violência da UNESP? Marília, ano 2011, edição 7 , junho.

DAVINI, M.C. **Práticas Laborales em los servicios de la salud:** las condiciones del aprendizagem em educación permanente de personal de la salud. EUA: Organización Panamericana de La Salud, 1994. (séries desarrollo de recursos humanos).

DAYRELL, J. **A escola como espaço Sociocultural.** In: DAYRELL, J (org). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.** Belo Horizonte:UFMG, 1996.

FELDMAM E NADAL, M.G; B.G. **Formação de professores e escola na contemporaneidade,** SP, 2009. Editora SENAC.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 4. Ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir, Nascimento da Prisão**. Petrópolis. Vozes, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**. 11 ed. RJ: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos** .9 ed, RJ: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **O compromisso do profissional com a sociedade**. In: Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GILLI, Fernanda Dos Santos. **A Educação de jovens e adultos enquanto espaço de pertencimento- Um estudo de caso**. Porto Alegre, UFRGS, TCC, 2010.

GOUVEIA, Antônio Fernando. Documento roteiro assessoria à SMED. Porto Alegre, abril 1996.

GONÇALVES, Jane. *Alfabetiza Brasil: Educação de Jovens e Adultos*. Editora Terrasul Curitiba, 2013.

HADDAD, Sérgio. **A educação continuada e as Políticas Públicas**. In: Vera Masagão Ribeiro (org).- Campinas , SP, mercado de letras; ação educativa, 2001.p.191-199.

HALL, Stuart. **Quem precisa da Identidade?** . In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*.6. ed. Petrópolis: vozes, 2000.

JUNTOS pela educação. Zero Hora. Porto Alegre, 20 de dezembro 2012. Disponível em: < <http://www.ckicrbs.com.br/.../conteúdo.0.120690>, **Educação-precisa – de- respostas.br**> Acesso em 12 de setembro de 2014.

LEI n. 9394/96, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 20 set.2014.

LUCKESI, C.C. **A avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

MARTINS; Marcelo Lopes. **Quando a regra é evadir, Por que ficar?** Quais motivos levam jovens e adultos a permanecerem na escola? Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão.2006.

MENEZES, José Décio. **A problemática da Evasão escolar e as dificuldades da Escolarização**. Disponível em: <http://www.artigonal.com?ensino-superior-artigo/a-problematICA-da-evasão-escolarização-2761092.html>.Acesso em: 10/10/2014.

MINISTÉRIO da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE? CEB nº 11/2000. Brasília, 2000. Disponível em: < http://portal.Mec.gov.br/setc/arquivos/pdf1/proeja_parecer_11_2000.pdf> Acesso em 23/10/2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky: **aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio- histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Paula Cristina Silva de. **“Evasão escolar de alunos trabalhadores na EJA”**. Disponível em: <http://www.seept.cefetmg.br/galerias/arquivos...pdf>. Acesso em: 20/08/2014.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. **Falando de Nós: O SEJA- Pesquisa participante em Educação de Jovens Adultos**. Porto Alegre, 1998.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo, Cortez, 1991.

SARMENTO, M. J. **Infância, exclusão Social e educação como utopia realizável. Educação e Sociedade**, ano XXIII, n.78; p 265-283, abr.2002.

SILVA, Lenira Formiga da. **O idoso na EJA: permanência no ensino formal**. Porto Alegre; UFRGS, TCC, 2008.

TAVARES; Ana Cristina Rodrigues. **As leituras do mundo e as leituras das palavras: buscando significados na escolarização de jovens e adultos.** Porto alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1999.

TAKAHASHI, M.A.B.C.;IGUTI, A.M. **As mudanças nas práticas de reabilitação profissional da Previdência social no Brasil: modernização ou enfraquecimento da proteção social?** Cadernos de saúde pública, RJ, n, v.11, p.2661-2670, nov.2008.

UNESCO.www.alfabetização.org.br/pt/noticias. Acesso 09/10/2014.

VEIGA, Ilma P. A. **O seminário como técnica de ensino Socializado** In: Veiga, I. P.A. (org) . **Técnicas de ensino: Por quê não?** Campinas: Papirus.2000.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamentos e Métodos.** Trad. Daniel Grassi 03^a edição. Porto Alegre: Editora Bookman, 2005.